

Texto extraído de *Sogni di sogni*, Palermo, Sellerio, 1992.

Sonho de Fernando Pessoa, poeta e fingidor

Na noite de sete de março de 1914, Fernando Pessoa, poeta e fingidor, sonhou que acordava. Tomou o café no seu pequeno quarto alugado, barbeou-se e vestiu-se de modo elegante. Colocou a sua capa, porque fora chovia. Quando saiu, faltavam vinte minutos para as oito, e às oito em ponto estava na estação central, na plataforma embarcando para Santarém. O trem partiu com a máxima pontualidade, às 8,05. Fernando Pessoa tomou assento em um compartimento onde estava sentada, lendo, uma senhora que aparentava cinqüenta anos de idade. Ela era a sua mãe mas não era a sua mãe, e estava entretida na leitura. Fernando Pessoa também começou a ler. Aquele dia devia ler duas cartas que lhe tinham chegado da África do Sul e que lhe falavam de uma longínqua infância.

Fui como a erva e não me arrancaram, disse a certa altura a senhora que aparentava cinqüenta anos de idade. A frase agradou a Fernando Pessoa, que a anotou em um caderninho. Enquanto isso, diante deles passava a paisagem plana do Ribatejo, com arrozais e pradarias.

Quando chegaram em Santarém, Fernando Pessoa tomou um coche. O senhor sabe onde fica uma casa isolada e revestida de cal?, perguntou ao cocheiro. O cocheiro era um homenzinho gorducho, com o nariz rubicundo pelo álcool. Claro, disse, é a casa do senhor Caeiro, eu a conheço bem. E chicoteou o cavalo. O cavalo começou a trotar pela estrada principal, ladeada por palmeiras. Nos campos, viam-se cabanas de palha com alguns negros na porta.

Mas onde estamos?, perguntou Pessoa ao cocheiro, para onde está me levando?

Estamos na África do Sul, respondeu o cocheiro, e o estou levando para a casa do senhor Caeiro.

Pessoa sentiu-se tranqüilizado e apoiou-se no encosto do assento. Ah, então estava na África do Sul, era exatamente o que queria. Cruzou as pernas com satisfação e viu os seus tornozelos nus, enfiados em calças de marinheiro. Compreendeu que era um menino e isto o alegrou muito. Era bom ser um menino que viajava pela África do Sul. Puxou um maço de cigarros e acendeu um com voluptuosidade. Ofereceu um também ao cocheiro, que o aceitou avidamente.

La chegando a hora do crepúsculo quando avistaram uma casa branca, que ficava no alto de uma colina pontuada com ciprestes. Era uma casa térrea,

Texto extraído de *Sogni di sogni*, Palermo, Sellerio, 1992. *Sonho de Fernando Pessoa, poeta e fingidor*.

comprida, de telhado vermelho e rebaixado, tipicamente ribatejana. O coche embocou a alameda de ciprestes, o cascalho rangeu sob as rodas, um cachorro latiu no campo.

Na porta da casa havia uma velhinha de óculos e uma touca alva. Pessoa compreendeu imediatamente que se tratava da tia-avó de Alberto Caeiro, e, levantando-se nas pontas dos pés, beijou-a no rosto.

Não canse demais o meu Alberto, disse a velhinha, está com a saúde muito debilitada.

Afastou-se e Pessoa entrou na casa. Era um cômodo amplo, mobiliado com simplicidade. Tinha uma lareira, uma pequena estante, um guarda-louça cheio de pratos, um sofá e duas poltronas. Alberto Caeiro estava sentado em uma poltrona, com a cabeça reclinada para trás. Era o Headmaster Nicholas, o seu professor da High School.

Não sabia que o senhor era Caeiro, disse Fernando Pessoa, e fez uma leve reverência. Alberto Caeiro, com um gesto cansado, pediu-lhe para chegar mais perto. Aproxime-se, querido Pessoa, disse, convoquei-o aqui porque queria que soubesse a verdade.

Enquanto isso, a tia-avó chegou com uma bandeja na qual havia chá e docinhos. Caeiro e Pessoa serviram-se e pegaram as xícaras. Pessoa recordou-se de não levantar o mindinho, porque não era elegante. Arrumou a gola de sua roupa de marinheiro e acendeu um cigarro. O senhor é o meu mestre, disse.

Caeiro suspirou, e depois sorriu. É uma longa história, disse, mas não adianta explicá-la detalhadamente, o senhor é inteligente e compreenderá mesmo que eu pule algumas passagens. Saiba somente isto, que eu sou o senhor.

Explique-se melhor, disse Pessoa.

Sou a sua parte mais profunda, disse Caeiro, a sua parte obscura. Por isto sou seu mestre.

Um campanário, na vila vizinha, soou as horas.

E eu, o que devo fazer?, perguntou Pessoa.

Deve seguir a minha voz, disse Caeiro, escutar-me-á na vigília e no sono, às vezes o incomodarei, algumas outras não quererá ouvir-me. Mas deverá escutar-me, deverá ter coragem de escutar esta voz, se quiser ser um grande poeta.

Eu o farei, disse Pessoa, prometo.

Levantou-se e despediu-se. O coche esperava-o na porta. Agora era novamente um adulto e seu bigode tinha crescido. Aonde quer que o leve?, perguntou o cocheiro. Leve-me para o fim do sonho, disse Pessoa, hoje é o dia triunfal da minha vida.

Era oito de março, e pela janela de Pessoa filtrava um sol tímido.
[MCMM]